

## RESENHA

# RESISTÊNCIA NEGRA PELO MOVIMENTO NEGRO

**CARDOSO, Marcos Antônio. *Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.**

André Luís Souza de Carvalho<sup>(\*)</sup>

*Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-1998* aborda a história contemporânea do Movimento Negro, alicerçado em três eixos. O primeiro apresenta e discute os marcos históricos da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) em julho de 1978. O segundo, problematiza os conceitos de movimento social negro e resistência negra enquanto sinônimos. Por fim, revela um vasto conjunto de ações contra a discriminação racial e o racismo, desenvolvidas pelos movimentos sociais negros, do período escravista aos dias atuais.

A partir de uma revisão e crítica às versões da história propostas pela historiografia oficial, que reduziu e/ou ocultou o processo de resistência negra contra a escravidão, a resistência discutida por Cardoso é na perspectiva de categorizá-la como referencial de fortalecimento da autoestima e da noção de solidariedade da população negra. Marcos destaca a resistência negra como fio condutor das ações do movimento negro, ressaltando as suas ressignificações no decorrer do tempo. Desde os importantes quilombos surgidos no século XVI, à organização do Movimento Negro Unificado, revelando neste momento as diversas formas criadas e recriadas pelos indivíduos membros dessas instituições, no decorrer do processo histórico brasileiro. Para atingir tal objetivo recorreu à análise histórica de um vasto conjunto de fontes: jornais, panfletos, manifestos, textos de congressos e seminários, história oral, produção acadêmica, leis, etc. Assim, reafirmou o relevante papel histórico dos movimentos sociais negros e a perspectiva de compreendê-los como atos de resistência.

Cardoso apresenta informações importantes para a compreensão da ideia de resistência negra, a partir do pensamento de um ativista acadêmico, o que passo a apresentar e problematizar agora. Primeiro, a ampliação acerca do conceito de resistência negra, enquanto um conjunto de ações-resposta ao processo de discriminação e repressão perpetrados pelo escravismo e racismo

---

<sup>(\*)</sup> Licenciado em História pela Universidade Católica do Salvador (Ucsal). Especialista em História Social e Cultura Afro-Brasileira pela Associação Classista do Estado da Bahia (Aceb). Mestrando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb).



brasileiros. Depois, ressalta as diversas formas de resistência que foram criadas no decorrer do tempo, mostrando como tal fenômeno foi sendo ressignificado, do Brasil colônia à atualidade. Em seguida, aborda o caráter da resistência negra enquanto movimento social na luta contra a escravidão, manifestado de diversas formas, sendo enquadradas práticas individuais e coletivas, o que podia ocorrer com a *fuga*, o *roubo*, ou o *assassinato*. E, por fim, a resistência negra no pós-abolição, sobretudo a partir do século XX, caracterizado pelo surgimento de várias organizações e instituições negras, como os clubes e a imprensa negras, dando ênfase ao processo histórico que originou o Movimento Negro Unificado.

O Movimento Negro surge da especificidade da luta contra o racismo na década de 1970, propondo uma reescrita da história que tenha referência no cotidiano, para poder dar um sentido do papel da resistência no processo de compreensão da realidade da população negra. O que o faz diferir dos demais movimentos sociais, pois o seu objetivo é negar a história convencional (oficial) e contribuir na construção de uma nova interpretação da trajetória do povo negro no Brasil, o que o faz partir para uma incessante denúncia, mobilização e organização de atividades políticas e culturais. O movimento negro é apresentado como a continuidade da resistência negra frente à escravização, a opressão, a marginalização e o racismo. É visto como um processo constante de organização de forças culturais e sociais heterogêneas em torno de um projeto histórico em comum. O Movimento Negro traz enquanto desafio a questão da identidade racial, tentando “equilibrar” tradição e modernidade, fundamentando-se na herança histórico-cultural negro-africana (ancestralidade) dando maior dinâmica ao fenômeno da resistência negra no Brasil à situação de extrema violência e opressão sofridas por homens e mulheres negros.

No processo de organização do Movimento Negro, foi ressignificando o conceito de resistência negra e criou alguns símbolos que a representam. O quilombo é apontado como a mais avançada e sofisticada organização da resistência negra, tendo como referência a “República Negra dos Palmares” que chegou a abrigar aproximadamente 50 mil pessoas. Outra importante referência foi a discussão da resistência negra no pós-abolição, com o surgimento de associações beneficentes e recreativas, clubes, jornais e grupos culturais que buscaram combater o preconceito racial, integrar a população negra na sociedade e organizar as comunidades a partir de ajuda mútua e cooperativa, como ocorreram na Revolta da Chibata, na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro. Outro exemplo desse fenômeno foi a imprensa negra brasileira, que teve no jornal o *Menelik* uma mola propulsora que contribuiu com a manutenção de um espaço ideológico e informativo a



serviço da organização das comunidades negras, problematizando o cotidiano, denunciando o racismo e a violência policial, contribuindo significativamente com a criação em 16 de setembro de 1931 da Frente Negra Brasileira, transformada em partido político, dissolvido pelo Estado Novo em 1937.

O “reco” provocado às organizações negras após a ditadura do Estado Novo e o golpe militar de 1964, na década de 1970 cessa. O Movimento Negro ressignifica a luta contra a discriminação racial, busca a identificação com a historicidade do passado dos feitos históricos, como as experiências de resistência dos quilombos, visando a autoafirmação e a recuperação da identidade racial. A partir da década de 1970, uma série de organizações e instituições passa a existir. Em 1974, o clube negro Renascença promove bailes *soul*, promovendo um ponto de encontro para a articulação de militantes negros no Rio de Janeiro. Na mesma década, são criados o Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, no Rio de Janeiro (Sinba) e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN),, que resultou na criação do Centro de Estudos Brasil-África, em 1976. É a partir de 1970 que o Movimento Negro reafirma a resistência negra com foco em ações e atividades políticas permanentes que deram origem ao Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), em São Paulo, no ano de 1978.

Neste último ano citado, ocorreu no dia 7 de julho a primeira manifestação contra o racismo promovida pelo Movimento Negro Unificado, em frente das escadarias do teatro municipal, em São Paulo, com uma campanha de denúncia contra a discriminação racial, a opressão policial, o desemprego, subemprego e marginalização da população negra. Esta data é um marco histórico do processo de resistência negra como movimento social contemporâneo, com um ato inaugural que foi registrado como “Dia Nacional da Luta contra o Racismo”. No dia 23 de julho de 1978 ocorreu a primeira assembleia nacional do MNUCDR, destacando a palavra *negro* ao nome do movimento. Na segunda, nos dias 9 e 10 de setembro, foram aprovadas a Carta de Princípios, o Estatuto e o Programa de Ação. Em 4 de novembro foi aprovado o dia 20 de novembro, como proposição do Grupo Palmares do Rio Grande do Sul, que através de um manifesto fez emergir a expressão “consciência negra”, buscando o conteúdo histórico das lutas de resistência para mobilizar a população negra. Foi discutida com maior amplitude a resistência negra, especialmente a história de Palmares e do líder Zumbi. Foram promovidos encontros, congressos, seminários, edições de jornais, atos públicos, etc.

A resistência do Movimento Negro contra a opressão e exclusão promovidos pela política



econômica, social e cultural, de natureza capitalista, que é implementada pelo Estado e por uma classe dominante, predominantemente branca e minoritária é no intuito de construir uma sociedade livre, baseada na pluralidade, no respeito à diversidade e à igualdade entre todos os seres humanos. Para isso é apresentada uma história onde homens e mulheres desenvolveram variadas formas de luta e estratégias individuais e coletivas de sobrevivência, no enfrentamento cotidiano à violência física e simbólica contra o seu corpo e a sua cultura, propondo a partir do redimensionamento dos conceitos de quilombo e resistência, fundamentar uma “nova” história do Brasil, dentro da perspectiva de revisão crítica da historiografia oficial, que não considera a memória coletiva da população negra, que registrou as suas experiências de resistência e afirmação.